

Matrizes indígenas e o ensino do Teatro – uma experiência no Estágio II

Ádila Santos

Brunno Vini

Nathália Seabra

Raphaelly Souza

Thianna Câmara

Zé Lucas

03

INTRODUÇÃO

Desde o ano de 2020, com a pandemia do novo coronavírus e a consequente interrupção das aulas presenciais nas escolas e universidades, as atividades educacionais acontecem no modelo remoto. Sendo o Estágio Supervisionado um componente curricular obrigatório nos cursos de licenciatura, o componente segue sendo ofertado virtualmente e, a cada semestre, repensa as suas estratégias de ensino e aprendizagem para garantir uma formação de qualidade aos licenciandos e um bom aproveitamento dos estudantes das escolas públicas.

Desse modo, a finalidade do presente trabalho é relatar as atividades desenvolvidas durante o Estágio Supervisionado II, ministrado pelos professores Jefferson Fernandes e Tatiane Tenório do Curso de Licenciatura em Teatro da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). O Estágio foi realizado em uma escola pública municipal localizada no bairro de Cidade Nova, zona oeste da cidade de Natal/RN, com estudantes do 4º A, sob a supervisão da professora da turma, durante o período de quatro meses no ano de 2021.

No decorrer da disciplina, a turma foi dividida em 5 grupos de 5 estagiários(as), cada grupo ficou com um tema que deveria ser trabalhado durante o componente curricular, sendo o nosso **Matrizes Indígenas e Ensino de Teatro**. Após a divisão dos grupos e distribuição dos temas, foram desenvolvidas duas atividades coletivas, – realizadas por meio das plataformas virtuais *Google Meet* e *WhatsApp* – que foram abordadas mais profundamente no desenvolvimento do texto. A saber: A primeira atividade foi

a construção de um plano de aula e a realização de uma oficina para a turma de Estágio II. A segunda atividade foi a organização de um encontro noturno com a participação da convidada Tayse Campos, para falar sobre as matrizes indígenas no contexto educacional.

Com a temática indígena, o grupo buscou trabalhar com elementos que investigassem as representações dos povos indígenas na sociedade, articulando informações sobre as questões indígenas atuais, os conhecimentos que os aprendizes possuem sobre a temática e a história dos povos originários brasileiros.

As novas gerações indígenas buscam uma identidade que possam identificá-los verdadeiramente, que seja significativamente condizente com a realidade cotidiana, que lhes garanta um espaço social no mundo globalizado e que ao mesmo tempo lhes proporcione orgulho em se reconhecer índio. Querem ser vistos e ao mesmo tempo serem aceitos fazendo parte da vida contemporânea, interagindo conscientemente com outras culturas. (GONÇALVES, 2013, p. 31)

E com tudo isso pautado nas aulas de artes e ensino de Teatro, diante das dificuldades e limitações do formato remoto, o grupo desenvolveu as atividades relatadas a seguir com base na identidade cultural indígena.

RELATO DAS ATIVIDADES DESENVOLVIDAS

Dando início às atividades, começando pela construção do plano de aula, o grupo ficou receoso pela falta de propriedade no tema a ser trabalhado. A fim de melhor conhecer a temática indígena, foi realizada uma conversa com Tayse Campos, Índia Mendonça Potiguara da comunidade indígena Amarelão, localizada no município de João Câmara/RN. Tayse é gradua-

da em História pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN) e mestranda em Antropologia Social na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Tayse Campos indicou o livro *A Temática Indígena na Escola*, que serviu de subsídio durante todo o processo de estudo do grupo, e no decorrer da conversa falou sobre identidade e acerca dos estereótipos que a sociedade persiste em atribuir aos povos indígenas.

Ao término deste contato inicial com a convidada, em um encontro via *Google Meet*, o conceito de identidade chamou a atenção de todos os componentes, pois a palavra era fortemente presente na fala de Tayse Campos. O grupo, então, decidiu construir o plano de aula com o tema Identidade Cultural Indígena, a fim de proporcionar reflexões sobre o que caracteriza a identidade dos povos indígenas no Brasil. Com a ideia de compreender, desmistificar e conhecer outras culturas, afirmar-se que:

Vivemos um período marcado por fortes referências temporais e históricas: já se vão mais de quinhentos anos desde o descobrimento da América e estamos no limiar do século XXI. Temos, atrás de nós, experiências acumuladas e, à nossa frente, projetos de futuro a definir. O presente se define, pois, como momento de reavaliar e de reinterpretar o que fomos e o que pretendemos ser. (SILVA; GRUPIONI, 1995, p. 16)

Com a construção coletiva do plano de aula finalizada, chegava a hora de pensar em como colocá-lo em prática, realizando uma oficina para os(as) acadêmicos(as) da turma de Estágio II. Em conversa com a professora supervisora e com o intuito de vivenciar a realidade dos professores do município de Natal/

RN em meio a pandemia causada pela COVID-19, o grupo decidiu realizar a aula via aplicativo de *WhatsApp*. Com a obrigatoriedade de executar as aulas de forma virtual, a rede social aparece como um recurso emergencial para os docentes da rede pública de ensino, tornando as aulas, por meio deste aplicativo, a real situação de muitos professores na atualidade.

Usar o *WhatsApp* como sala de aula foi uma experiência diferente. Houve uma preocupação em transformar o espaço que antes era de mais descontração, em algo mais sério. Para isso, utilizou-se de artifícios como fechar o grupo de *WhatsApp* no momento de explicação do conteúdo e atividades, abrindo em seguida para os estudantes e as estudantes enviarem as fotos das respostas. Nesse momento, além de tirarem dúvidas, muitos aproveitaram para interagir uns com os outros, superlotando o espaço de mensagens. Essa foi a parte mais desafiadora de lecionar num aplicativo como esse, onde tudo é atualizado com muita rapidez, a professora precisa estar atenta ao que importa, tirar as dúvidas necessárias e prosseguir com a aula. Foi primordial o cuidado e atenção em organizar o material dias antes da aula acontecer para que na véspera só houvesse a necessidade da professora escolhida como responsável pelo momento planejar a ordem da aula. Foram enviados vídeos, áudios e textos como recursos de metodologia. Dessa forma, tudo fluiu com mais facilidade e de um modo geral, a experiência foi proveitosa, fundamental e enriquecedora.

Visando reforçar os conteúdos escolhidos para a aula a ser realizada, o grupo de estagiários produziu o próprio material audiovisual, falando um pouco sobre a temática in-

dígena a partir de algumas considerações histórico-sociais sobre o assunto. O processo de produção do vídeo foi algo desafiador, mas de muito aprendizado. Encarar a câmera de um celular, muitas vezes, não é fácil, ainda mais com a responsabilidade assumida pelos estagiários. Era preciso firmeza e certeza no que seria dito, afinal o grupo estava lá como professores, falando sobre uma temática importante, a qual seria apresentada para outros seres humanos em construção. Foram momentos de desconstrução, tanto para os discentes em formação, quanto para os estudantes e as estudantes em questão. Ao produzir os vídeos explicativos, houve um cuidado para que o conteúdo visual não se tornasse cansativo e chato. Também foram inseridas legendas nos vídeos, com intuito de reforçar a inclusão e acessibilidade, pensando em uma situação “ideal” que já deveria existir no ensino remoto.

Além do vídeo, para envolver os estudantes e as estudantes e ensinar de forma dinâmica, o grupo utilizou, também, imagens e figurinhas, recursos disponíveis no Aplicativo, para incentivar e manter a atenção dos aprendizes nas atividades. É importante salientar que foi enviada a mesma atividade trabalhada no *WhatsApp* para o e-mail do discente da turma de Estágio II, uma vez que não tinha acesso ao aplicativo, para que o mesmo pudesse participar e realizar a tarefa.

Dada a informação que o plano seria destinado à estudantes de 4^a ano do Ensino Fundamental – Anos Iniciais, foi solicitado que a turma de Estágio II entrasse no jogo estabelecido. Uma das integrantes do grupo assumiu a função de professora e ficou responsável pela mediação, envio das atividades e áudios, e es-

clarecimento das dúvidas dos estudantes no *WhatsApp*. Os demais componentes estavam a postos para resolver qualquer imprevisto. Durante a aplicação das atividades, foi possível observar que a realidade de muitos estudantes impossibilitava a participação ativa na aula, tais como; falta de acesso à internet; insuficiência de dados móveis para carregamento dos vídeos; utilização de aparelho móvel (celular) dos pais, os quais muitas vezes não estão presentes no momento da aula; falta de estímulo; visualização e não execução da atividade e pouca interação com os colegas e com o professor. Isso gerou reflexão de como o ensino remoto pode tornar-se excludente, mesmo buscando formas de atender a todos e todas.

Mesmo com as dificuldades, os participantes tiveram um bom desempenho, mandando fotos das atividades feitas e tirando dúvidas. Ao finalizar o momento da aula via *WhatsApp*, foi realizado um encontro com toda a turma pelo *Google Meet* para apresentar o planejamento e fazer as conclusões finais. Assim como foi muito importante construir e ministrar momentos sobre esse tema, participar de outras oficinas proporcionou uma maior visão e uma base de referências para conseguir utilizar diversos assuntos em sala de aula.

O encontro noturno, aconteceu no dia 15 de abril do corrente ano, com a convidada Tayse Campos, o qual foi um dos pontos-chaves de maior entendimento acerca do assunto trabalhado, mas também de muita tensão para os integrantes do grupo e demais participantes da roda de conversa. Durante a fala de Tayse, a sala do *Google Meet* foi invadida por um grupo bem articulado de desconhecidos, que utilizan-

do vídeos e áudios pornográficos tentaram atrapalhar e desmoralizar os discentes e professores. A princípio, o estagiário que havia criado a sala tentou desesperadamente remover os invasores, mas foi inútil. Eles já tinham livre acesso à sala. Em vista disso, foi necessário interromper a fala da convidada e pedir que todos saíssem da sala para que fosse criado outro ambiente, utilizando um *link* privado. Por fim, com a nova sala, a conversa prosseguiu. Fica o aprendizado: jamais divulgar abertamente links de encontros no *Google Meet* em redes sociais.

No que se refere a construção da atividade, o grupo, mais uma vez, se encontrou recheado em mediar um debate tão importante e necessário em tempos de resistência na educação indígena. A temática escolhida foi Matrizes Indígenas no Contexto Educacional. Foram construídas três questões que suscitaram o debate e que complementam o trabalho realizado no plano de aula.

1. Como a temática indígena pode ser trabalhada em sala de aula, fugindo dos estereótipos e trazendo novas informações e conhecimentos;
2. A temática indígena no âmbito das aulas de Artes e ensino de Teatro;
3. Avanços e retrocessos da educação indígena.

Tayse Campos iniciou a conversa falando acerca da sua vivência enquanto professora e antropóloga, contextualizando os demais presentes acerca da sua trajetória acadêmica, que por si só, enquanto mulher indígena, teve seus desafios. O preconceito contra povos indígenas acontece, muitas vezes, de forma velada, apontou Tayse, devido a forma estereotipada

que é entendida a vivência indígena no Brasil, mas não o deslegitima enquanto opressão fora e dentro do sistema educacional.

O mito da nação constituída a partir da fusão das três raças (branco, índio e negro) pretende justificar a inexistência do racismo e a impossibilidade de prosperar o preconceito racial. Isto ainda é mais evidente tratando-se do índio, muitas vezes identificado como “o primeiro brasileiro”, que diferentemente do negro africano não foi tão claramente visualizado como força de trabalho e marcado pelo estigma da escravidão. (SILVA; GRUPIONI, 1995, p. 60)

Seguindo com as reflexões, a convidada salientou a necessidade de estudo do docente quando for trabalhar a temática indígena em sala de aula, afirmando ainda que os estereótipos são reforçados devido a uma ausência na procura de novas informações sobre o tema. Quando questionada a respeito de como fugir desses estereótipos enquanto estratégia pedagógica para turmas de educação infantil e anos iniciais, Tayse trouxe uma discussão sobre essa temática. Segundo ela, trabalhar com as referidas etapas de ensino, é usar o lúdico ao seu favor, de tal maneira que o estudante encantado com uma contação de histórias, por exemplo, proporciona uma aproximação com a realidade social do tema estudado.

Quanto aos resultados conquistados na educação indígena, Tayse se mostrou bastante esperançosa. A professora, mais uma vez, reforçou aspectos estereotipados como um retrocesso nesse setor educacional, porém também assinalou a importância da identificação e demarcação da identidade indígena como conquistadas no processo de ensino e aprendizagem. Para Tayse, ainda não chegamos lá, enquanto

consciência de classe. Ainda há muito o que se discutir, aprender e, principalmente, ouvir quando se trata de educação indígena no Brasil. A esperança, segundo a percepção da convidada, se justifica pela conquista de novos espaços e contextos de posicionamentos do ponto de vista e das demandas educacionais específicas das comunidades indígenas. A equidade educacional ainda não foi atingida, mas está no caminho para isso.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante ao período pandêmico, as incertezas trazem reflexões de como será a educação no futuro, mostrando como ainda não há preparação para a era tecnológica. Naturalmente, é necessário encontrar soluções minimamente viáveis para conseguir possibilitar um acesso ao ensino para todos, mas, infelizmente, na prática, isso ainda é inviável. Foi e está sendo um desafio diário estar presente nas aulas, por causa da pandemia. É preciso se reinventar diariamente, enquanto aprendizes e futuros professores. Como todo desafio, as dificuldades pesam e, ao mesmo tempo, é essencial enfrentá-las para poder vivenciar a experiência única de educação no formato remoto, compreendendo suas possibilidades. Nem tudo tem sido tão ruim. Existem, também, benefícios nas experiências não presenciais de educação, como, por exemplo, as conferências online, as quais permitem trocas e interações entre participantes de várias partes do país (e do mundo), as quais, presencialmente, talvez não fossem possíveis.

Com o acúmulo de sentimentos resultantes das experiências virtuais, os futuros do



(Katia Braga/Pixabay)

centes, sempre em busca de novas estratégias de ensino, ampliam a escuta para conseguir entender os futuros estudantes, e assim, contribuir, positivamente, para o processo de ensino-aprendizagem.

Os estudos, no geral, foram bastante pertinentes para a vivência como professores estagiários, trazendo a temática indígena no ensino remoto. Os livros foram de grande importância para a construção da aula, os objetivos foram alcançados, proporcionando a abordagem do conteúdo elaborado, cujo tempo disponível foi adequado. Entretanto, percebeu-se a dificuldade e limitação existente na aula via WhatsApp. Caso a aula fosse presencial e com mais tempo de duração, a metodologia sofreria algumas mudanças, incluindo alguma atividade prática. Mas, de modo geral, ter chegado até o dia da aula foi um processo de muitos estudos e discussões. Houve a preocupação em promover algo construtivo, que de fato estimulasse o senso crítico dos estudantes e das estudantes, fomentando

o conhecimento e respeito em relação à cultura indígena e às diferenças existentes entre os diversos povos.

Por fim, registra-se a maior autonomia dos estagiários na construção da proposta de intervenção docente, bem como do espaço de reflexão com a mediação de Tayse Campos. Esse aumento de responsabilidade pedagógica, associado às alternativas construídas com os professores e supervisores do Estágio para a viabilidade da experiência formativa, em contexto de isolamento social por conta da pandemia, nos permitiu a construção de um itinerário que nos estimula a não perdemos a esperança.

Pensar que a esperança sozinha transforma o mundo e atuar movido por tal ingenuidade é um modo excelente de tombar na desesperança, no pessimismo, no fatalismo. Mas, prescindir da esperança na luta para melhorar o mundo, como se a luta se pudesse reduzir a atos calculados apenas, à

pura cientificidade, é frívola ilusão. (FREIRE, 1992, p. 5)

REFERÊNCIAS

FORNACIARI, Christina. **O Ensino de Teatro Junto a Alunos Indígenas:** Um Desafio Intercultural. Olhares, Guarulhos, v. 3, n. 1, p. 104-121. Maio, 2015.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança:** Um reencontro com a Pedagogia do Oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

GONÇALVES, Karen Regina. **Identidade Cultural Indígena:** Interpretações da obra Histórias de índio. Porto Alegre: UFRGS, 2013.

SILVA, Aracy Lopes da; GRUPIONI, Luiz Donizete B. **A temática indígena na escola – novos subsídios para professores de 1o e 2o graus.** Brasília: MEC/MARI/UNESCO, 1995.